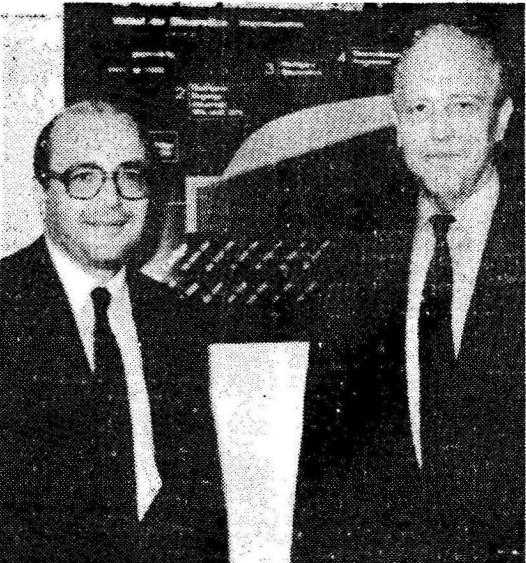


País quer reescalonar 5,5 bilhões com o Clube

REALI JÚNIOR
Correspondente

PARIS — O objetivo do Brasil é reescalonar US\$ 5,5 bilhões de sua dívida de quase US\$ 18 bilhões com o Clube de Paris, num prazo que vai de 1º janeiro de 1987 a 30 de junho de 1990. Apesar da discrição das autoridades brasileiras que insistiam, até ontem, em não revelar os principais pontos da proposta brasileira apresentada, fontes que integram o Clube de Paris confirmaram esses números, tidos como excessivos e irrealistas.

Agora, vai ser preciso esperar pelo veredito, previsto para a reunião que será iniciada no dia 28, no Hotel Majestic. Mesmo que as reivindicações brasileiras não sejam totalmente aceitas, o resultado deverá ser favorável, existindo um clima positivo junto à comunidade financeira internacional em relação



DPA/France Presse

Mailson é recebido por Tietmeyer

aos novos rumos da economia brasileira.

Esse apoio, na França, foi manifestado não apenas em áreas oficiais, como o ministro da Economia, mas também bancárias. Basta citar as declarações de um dos

maiores críticos do governo brasileiro, o presidente do Crédit Lyonnais, Jean Maxime Levèque, após a passagem do ministro Mailson da Nóbrega por Paris. Ele, que não poupou críticas ao governo de Brasília, agora está conclamando os bancos europeus, pequenos, médios e grandes, a aderirem ao acordo firmado com o comitê de bancos, dizendo que se trata de algo inovador, oferecendo numerosas fórmulas das mais flexíveis ao bancos, principalmente em matéria de financiamento a médio prazo para operações comerciais e conversões de créditos em investimentos.

A conversão à causa brasileira de Jean Maxime Levèque, até então um duro crítico dos rumos da economia brasileira, não deixa de ser ilustrativa da mudança do clima junto à comunidade financeira. Na boca desse banqueiro, que representa os demais franceses no comitê de bancos, essas afirmações ganham importância: "O Brasil é um dos maiores mercados do mundo. É um país que nenhuma empresa multinacional pode negligenciar. Parece essencial, para o futuro desse país, que a comunidade bancária internacional continue a trabalhar a seu lado".